

# Apresentação

Um fato objetivo: é impossível entender o mundo contemporâneo sem a URSS. Por mais desancada que seja a Revolução de Outubro/Novembro de 1917, é impossível compreender os progressos sociais do século XX – os do XXI estão em aberto – sem levá-la em conta. A começar pelo contraste entre o banho de sangue promovido pelos países imperialistas, baluartes da “civilização ocidental”, e o caráter incruento da conquista do poder dirigida pelos bolcheviques em Petrogrado, principal cenário de Outubro. O processo tomou outros rumos, mas ficará como patrimônio do que ocorreu (e, em diversos casos, ocorre) de melhor nas relações sociais, a luta contra o colonialismo das potências europeias (ou seja, um nazismo que se espalhou pela maior parte do planeta); contra o nazismo propriamente dito que, nascido nas entranhas das mesmas formações imperialistas, ameaçou explicitamente uma barbárie planetária. A Revolução de Outubro criou fortes referências para a luta contra o colonialismo e pela libertação da mulher, assim como para diversos movimentos culturais imbuídos do desejo de mudar o modo de vida. Incomodou por isso e por um motivo ainda mais imperdoável: provou que os oprimidos e explorados podem vencer.

Por outro lado, deixou muito claro que o caminho para uma sociedade onde “a liberdade de cada um seja condição para o livre desenvolvimento de todos” (Marx e Engels) é muito mais sinuoso e exige novos esforços teóricos e práticos. Portanto, a difícil produção do dossiê, foi um trabalho saudavelmente condenado à incompletude. Outros artigos virão.

O dossiê deste número de *Lutas Sociais* se inicia precisamente com a abordagem da mais polêmica questão política relacionada com Lenin, a do partido revolucionário. Aqui, Giovanny Simon Machado e Soraya Franzoni Conde fazem uma análise muito objetiva e bastante esclarecedora da estrutura de partido revolucionária proposta por Lenin antes da Revolução de Outubro de 1917. Com o foco em *O Estado e a Revolução*, Rafael Afonso da Silva analisa a tensão, presente, desde 1917, nos escritos de Lenin, entre duas lógicas que, no artigo, são tidas como inconciliáveis: a da “autoinstituição” como princípio político da revolução social e a da produção do “comum” pelo capital. Célia Motta, ao se contrapor às críticas superficiais ao neoliberalismo, insere-o em uma teia de determinações mais profundas e complexas: uma fase determinada da etapa imperialista do capitalismo. Voltado para esta fase, Ivo Tonet faz um balanço da eclosão e do desfecho do processo soviético com o objetivo de contribuir para a construção de uma perspectiva revolucionária contemporânea.

Passemos à abordagem de temas que a ideologia dominante insiste em desvincular da Revolução de Outubro. Sofia Manzano chama a atenção para a importância da Revolução nas lutas pela emancipação feminina por meio de um triplo impacto: o dos impulsos imprimidos a estas lutas durante o próprio processo revolucionário; a atuação prático-teórica de mulheres bolcheviques; e o impacto da Revolução de Outubro sobre as lutas de mulheres em outros países do mundo, especialmente as metrópoles imperialistas. Longe de se voltar somente para dimensões “infraestruturais”, a Revolução de Outubro despertou uma onda de inovações estéticas (no cinema, na arquitetura, no urbanismo, na literatura etc.), mas se recusava a permanecer apenas neste plano, pois, acima de tudo, se vinculavam à luta para mudar a vida. Para elas, se volta o artigo de Nicolau Bruno de Almeida, sobre as convergências, durante aquele processo, entre as vanguardas e o cinema.

Diversos autores articulam os dois grupos temáticos, cuja distância é menos ampla do que parece. Darlan Montenegro e Tamyres Ravache de Marco partem da crítica ao economicismo em *Que Fazer?* – das obras de Lenin, a mais maldita – para abordarem uma questão da maior atualidade: a das relações entre o universalismo da luta política transformadora e o particularismo de importantes movimentos sociais contemporâneos. A Revolução de Outubro foi importante referência para os movimentos de libertação dos países semicoloniais e coloniais. A este respeito, Felipe Paiva examina o esforço de um dos líderes do pan-africanismo, Kwame Nkrumah, para se referenciar – muitas vezes de modo demasiadamente direto – em um dos principais dirigentes da Revolução de Outubro, Lênin. Weber Lopes Góes e Renata Gonçalves contrastam, por um lado, a importância de Outubro para as lutas contra o colonialismo europeu na África subsaariana e contra o racismo incrustado na sociedade estadunidense e, por outro, com o longo silêncio do Partido Comunista, no Brasil, durante os dez primeiros anos após aquela revolução, acerca da importância da questão racial para as lutas anticapitalistas.

É tamanha a relação entre certos artigos do dossiê e os de “fora” deste que não foi fácil separá-los. Michael Löwy, sempre bem-vindo na revista, apoiando-se em leitura de *O Capital*, especialmente o capítulo VIII, volta-se contra as interpretações deterministas e cientificistas e demonstra como nesta obra se articulam explicação e tomada de partido proletária. Leandro Galastri identifica desdobramentos da obra de Mariátegui no que se refere às relações entre raça, latifúndio e luta anticapitalista na América Latina. E, ao fazê-lo, estabelece conexões entre a obra do Amauta e aportes leninianos. Diversas pesquisas têm apontado o forte racismo embutido nas obras clássicas do liberalismo, não apenas em relação aos povos coloniais, mas também à classe operária europeia na alvorada do capitalismo. Félix Pablo Friggeri demonstra, a partir do caso argentino, que o racismo de classe também impregna o neoliberalismo. Dois artigos atualizam a

abordagem de temas fundamentais para o desenvolvimento teórico-prático do marxismo: o de Rafael Bellan Rodrigues de Souza, sobre a importância da noção de ideologia; e o de Saulo Pinto Silva, que, articulando a leitura de Hegel e Marx à de autores contemporâneos, procura atualizar a abordagem das relações entre emancipação política e emancipação humana.

Três valiosas resenhas encerram este número. Suellen Abreu apresenta *União Operária*, de Flora Tristan, intelectual combatente proletária-socialista-feminista morta em 1844, cuja obra permanece amplamente desconhecida no Brasil; Maycon F. Nascimento discorre sobre o livro *Párias da Terra: o MST e a mundialização da luta camponesa*, de Deni Alfaro Rubbo; e, em estreita relação com o dossiê, Lucas Eduardo Maldonado escreve sobre o sempre atual, desde que foi escrito em função do cinquentenário de Outubro, *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*, de Clóvis Melo, Aristélio Travassos de Andrade e do incansável Luiz Alberto Moniz Bandeira, a quem tanto deve a cultura brasileira e internacional.

Mais do que em qualquer outro momento destes vinte e um anos de existência da revista, esforçamo-nos para manter o caráter democrático, crítico e pluralista de *Lutas Sociais*. Evitamos, por um lado, qualquer tom apologético que alimentasse o aparente conforto da autossatisfação nestes tempos difíceis. E tentamos manter o objetivo que tem norteado nosso trabalho aqui: articular pesquisa científica (que, por definição é crítica) à busca de perspectivas de transformação social.

Mais do que antes, sua opinião será muito bem-vinda.

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida (Editor)  
Renata Gonçalves